

EM QUAL BASE EPISTEMOLÓGICA SE ENCONTRAM OS ESTUDOS SOBRE A GEOGRAFIA LITERÁRIA?

IN WHICH EPISTEMOLOGICAL BASE ARE THE STUDIES ON LITERARY GEOGRAPHY FOUND?

Francisca Linara da Silva Chaves
(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN)

Rosalvo Nobre Carneiro
(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte/UERN)

Resumo: O presente artigo busca enveredar acerca do percurso traçado pelos estudos envolvendo geografia e literatura, com o intuito de identificar a base epistemológica que lhe dá sustentação, visto que foi possível constatar que a mesma ainda não possui uma epistemologia própria. Com isso, iniciamos nossa discussão pelo conceito do que seria epistemologia, trazendo a definição dada por Japiassu (1934). Também percorremos os caminhos trilhados pelos pesquisadores que tem se debruçado sobre a abordagem pautada na geografia literária. Dentre os pesquisadores dessa área, destacamos Bastos (1998), Amorim Filho (2010) e Collot (2012), dentre outros que citamos no decorrer de nossa escrita. Diante das leituras realizadas, identificamos que os estudos ligados à geografia e literatura estavam inseridos dentro da epistemologia da ciência geográfica, mais especificamente no ramo da geografia humanista. Após essa descoberta, chegamos à conclusão que mesmo não possuindo os elementos que configurassem a existência de uma epistemologia da geografia literária, as abordagens existentes e os estudos acerca dessa temática não perdem sua credibilidade, visto a contribuição que essas discussões trazem para o campo da geografia, que vê nas obras literárias uma fonte a mais de pesquisas e investigações acerca do homem, das relações que estabelece com seu meio, suas percepções sobre o espaço, que são explanadas pelo escritor ao longo do desenvolvimento de suas obras.

Palavras-chave: Epistemologia. Geografia. Literatura.

Abstract: This article seeks to explore the path traced by studies involving geography and literature, in order to identify the epistemological basis that supports it, since it was possible to verify that it does not yet have its own epistemology. With that, we started our discussion by the concept of what would be epistemology, bringing the definition given by Japiassu (1934). We have also followed the paths followed by researchers who have been looking at the approach based on literary geography. Among the researchers in this area, we highlight Bastos (1998), Amorim Filho (2010) and Collot (2012), among others that we quote in the course of our writing. In view of the readings carried out, we identified that studies related to geography and literature were inserted within the epistemology of geographic science, more specifically in the branch of humanist geography. After this discovery, we came to the conclusion that even without having the elements that would configure the existence of an epistemology of literary geography, the existing approaches and studies on this theme do not lose their credibility, given the contribution that these discussions bring to the field of geography, who sees in literary works one more source of research and investigations about man, the relationships he establishes with his environment, his perceptions about space, which are explained by the writer throughout the development of his works.

Keywords: Epistemology. Geography. Literature.

INTRODUÇÃO

Há muito a literatura tem sido fonte para análises geográficas, tendo em vista a utilização dos contextos espaciais pelos escritores para escrever suas obras. Mas essa área de estudo ainda não possui uma epistemologia própria, encontrando-se inserida dentro da epistemologia da ciência geográfica, mais especificamente no ramo da geografia humanista.

Surgiu então um interesse em se aprofundar a respeito do percurso que norteou a aproximação entre essas duas áreas, quais as contribuições trazidas para o âmbito da geografia e em que se pautam os trabalhos existentes sobre essa temática. Para isso nossa metodologia é baseada em revisões bibliográficas, através de leituras de materiais existentes que pudessem fundamentar a base de nossa pesquisa.

Pesquisamos em diversas bases como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o portal do periódico CAPES, Google acadêmico e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Nas buscas utilizamos os seguintes descritores: “Geografia e literatura” e “Geografia literária”, se atentando pela seleção de trabalhos cujo Qualis fosse A1, A2, B1 ou B2. Após realizar todas as buscas, iniciamos a leitura e seleção dos artigos, teses e dissertações que fornecessem as informações que precisávamos para a escrita do presente artigo.

Neste sentido, discute-se, inicialmente, as concepções de epistemologia, associando a como é vista na Geografia. Diante disso, abordamos algumas das epistemologias que Japiassu (1934) expõe em seu livro “Introdução ao pensamento epistemológico”, que configura a primeira seção do nosso artigo.

A segunda destaca os caminhos trilhados por pesquisadores da geografia literária, destacando os marcos históricos do surgimento deste ramo de pesquisa geográfico. Em seguida foca-se no caso brasileiro, destacando quais obras do gênero romance se tornaram fonte de conhecimento para os geógrafos.

Na terceira sessão, aborda-se as bases epistemológicas que sustentam os estudos geográficos, tendo como foco a corrente da geografia humanista onde se encontram as principais discussões sobre a relação entre a geografia e a literatura.

O objetivo geral do nosso trabalho foi descobrir em que ramo da geografia se encontravam os estudos a cerca da geografia literária, qual base epistemológica guia os trabalhos dos pesquisadores. Tivemos como objetivos específicos, discutir os sentidos de

epistemologia; identificar a literatura que sustenta os estudos sobre a geografia literária e verificar em qual área da geografia está inserida essa abordagem.

1 Discussão acerca das epistemologias

Ainda que as definições sobre epistemologia variem, pois são pessoais, há um sentido generalizado, um “entendimento” no sentido que o filósofo Jurgen Habermas confere ao termo (2012. v. 1), isto é, o reconhecimento intersubjetivo de uma pretensão de validade que torna verdadeira a compreensão de epistemologia, pois é compartilhada pelas ciências em geral. Dessa forma, optou-se por abordar a definição a partir de Japiassu (1934, p.16) “[...] No sentido bem amplo do termo, podemos considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais. [...]”. Ou seja, cada ciência possui sua epistemologia, seus métodos e conhecimentos que servem de base para suas pesquisas e estudos.

Assim como não existe uma definição única, também não existe apenas uma epistemologia. Em seu livro “*Introdução ao pensamento epistemológico*”, Japiassu (1934) aborda algumas dessas epistemologias, como a epistemologia genética de J. Piaget, a epistemologia histórico de G. Bachelard, a epistemologia racionalista-crítica de K. Popper, a epistemologia arqueológica de Michel Foucault e a epistemologia crítica (Quadro 01). Ambas são fundamentais para estabelecer uma ordem de conhecimentos a respeito do que se estuda e guiar os caminhos dos pesquisadores que queiram explorar as bases epistemológicas de seu trabalho.

Quadro 1: Epistemologias

Epistemologia genética de J. Piaget	• Epistemologia como o estudo da constituição dos conhecimentos válidos. • Só há ciência quando estiverem reunidos três elementos: Elaboração de fatos, formalização lógico-matemática e controle experimental. • Defende a constituição de uma epistemologia científica livre de toda teoria filosófica ou de qualquer contaminação ideológica do conhecimento.
Epistemologia histórico de G. Bachelard	• Epistemologia situada dentro de uma análise da história das ciências, de suas revoluções; • Visa à produção dos conhecimentos científicos sob todos os seus aspectos;

	• A epistemologia deverá interrogar-se sobre as relações suscetíveis de existir entre a ciência e a sociedade e entre as diversas ciências.
Epistemologia racionalista-crítica de K. Popper	• Sua epistemologia ou “filosofia das ciências” foi elaborada dentro e fora da corrente de pensamento chamada empirismo lógico ou neopositivismo. • A preocupação epistemológica principal diz respeito à elucidação do valor das teorias científicas, o grau de confiança que podemos depositar, em função dos dados empíricos de que podemos dispor.
Epistemologia arqueológica de Michel Foucault	• Existência de um espaço epistemológico denominado triedro do “saber” no qual as ciências humanas estão no interstício como uma espécie de nuvem de disciplinas. • Pretende analisar os momentos sucessivos da episteme ocidental, descobrindo as etapas de sua progressão em direção ao triedro dos saberes e do agenciamento das ciências humanas.
Epistemologia crítica	• Fruto da reflexão histórica que os próprios cientistas estão fazendo sobre a ciência em si mesma, seus pressupostos, resultados, utilização, lugar, alcance, limite, etc. • Seu objetivo essencial é interrogar-se sobre a responsabilidade social dos cientistas e dos técnicos.

Fonte: JAPIASSU, 1934

O quadro acima nos fornece informações essenciais para se compreender cada uma dessas epistemologias, além de trazer uma evolução histórica do desenvolvimento científico, começando a partir da epistemologia genética de Piaget até a epistemologia crítica, que passa a refletir sobre suas bases, seus objetivos e métodos, interrogando-se sobre o quanto os cientistas sociais carregam grande responsabilidade através de suas pesquisas, afinal, estão lidando com um objeto de estudo que é vivo e passa por constantes transformações, que é o ser humano.

Todas essas epistemologias tem algo em comum, pois ambas foram elaboradas tendo por base os objetivos que queriam alcançar por meio de seus estudos, as metodologias de pesquisa que seriam mais favoráveis para se chegar aos resultados esperados, e uma base

teórica que sustentava seus argumentos. Era a junção de todos esses pontos que davam validade e favoreciam o seu desenvolvimento.

Percebe-se então, que as condições necessárias para que uma epistemologia possa existir, são justamente o conhecimento que se tem a respeito de um determinado tema que é baseado em uma fundamentação teórica, uma base que dá sustentação a esse conhecimento; a existência de métodos e procedimentos que deverão conduzir o pensamento e um objeto de estudo que será alvo das investigações e pesquisas.

Pode-se afirmar que, em retrospectiva, a geografia se aproximou de todas essas epistemologias, adotando-as e, em algum momento, abandonando-as como é o caso da Epistemologia racionalista-crítica de K. Popper, que marcou os estudos neopositivos neste campo do saber até a década de 1970. Mario Bunge (1980) analisa a questão diferenciando um “momento clássico” que se estende de Platão e Russerl, incluindo neste rol Alexandre Von Humboldt. Em seguida, o período da profissionalização da epistemologia com o círculo de Viena e seu “defeito fatal” o empirismo e o indutivismo.

A discussão sobre epistemologia originalmente concentrada geograficamente à Europa, hoje encontra-se difusa e em expansão, inclusive mediante a emergência de outras epistemologias, como a epistemologia do Sul na obra de Milton Santos (DANTAS, 2014).

Diante disso, percebe-se que todos esses estudos são pautados em uma epistemologia, que está na maioria das vezes, dentro de uma corrente de pensamento. Elas não estão soltas, possuem toda uma estrutura que permeia o processo de estudo e pesquisa, reforçando mais uma vez que não existe apenas uma epistemologia tida como verdadeira, mas sim várias. Vesentini (1985) identificou esta vontade de verdade na epistemologia da geografia crítica quando de sua formação a partir da negação da geografia moderna, também chamada de geografia tradicional.

Logo no início de sua história, a geografia possuía um caráter estritamente descritivo que predominava sobre a explicação e a crítica, fazendo com que o conteúdo político ficasse ausentado. Dessa forma, até o século XIX era centrada na catalogação de fatos, lugares e protagonistas de descobertas geográficas, se afastando precisamente de uma história do pensamento geográfico, já que não refletia sobre teorias, conceitos e temas da geografia. (GODOY, 2010)

Em contrapartida, a partir do século XX, algumas transformações ocorrem, influenciando no surgimento de mudanças (GODOY, 2010, p. 150),

[...] mudanças que estimularam novas leituras da história da geografia, abandonaram a catalogação e as descobertas geográficas e passaram a centrar maior atenção nos precursores, em suas obras, nas formas de institucionalização e sua evolução geral no âmbito das ciências sociais.

Passa-se a se discutir sobre o objeto de estudo dessa ciência, para que ela possa se consolidar, já que se encontrava como uma ponte entre as ciências naturais e humanas. Dessa forma, passa a estudar a relação do homem com o meio, tendo como objeto, o espaço geográfico. O espaço torna-se a categoria central, um conceito que expressa a articulação entre sociedade e natureza. (MAIA e FERREIRA, 2010).

Dessa forma, percebe-se que a epistemologia da geografia, também passou pelo mesmo percurso das que foram abordadas no livro de Japiassu. Assim como as demais precisou esclarecer suas bases e seu objeto de estudo para poder se consolidar como ciência, sendo reconhecida nas universidades e se tornando essencial para que os pesquisadores e estudiosos pudessem ter uma base firme que sustentasse suas argumentações.

2 Caminhos trilhados pelos pesquisadores da geografia literária

A geografia e a literatura vêm sendo estudada há algum tempo por diferentes pesquisadores. O termo geografia literária surgiu no século XX, mais precisamente na França e um de seus expoentes foi André Ferré, que buscou estabelecer seus métodos e contornos. (COLLOT, 2012)

Antes do termo “Geografia literária” ser estabelecido, os franceses já demonstravam um grande interesse pelas viagens de explorações e aventuras e criaram várias sociedades geográficas. Essas sociedades muitas vezes financiavam as viagens no intuito de receberem os relatos dos viajantes sobre tudo o que haviam conhecido. Todo esse cenário acabou influenciando na literatura, originando obras de romances de viagens e aventuras que traziam descrições geográficas das paisagens e lugares presentes nas obras. (AMORIM FILHO, 2010)

Um dos escritores que mais se destacou na França através da produção de obras literárias foi Júlio Verne, com seus livros de romance e aventura, aumentando ainda mais o prestígio da geografia naquela época, não só na França, como no mundo. Assim destaca Amorim Filho (2010, p.90), “[...] Júlio Verne não apenas faz parte de uma época na qual a geografia já goza de grande prestígio mas, também, aparece como um dos escritores que mais contribuíram para aumentar esse interesse na França e no mundo.”

Percebe-se que o homem sempre se interessou pelas paisagens que o cerca, pelo espaço em que está inserido, pelo seu lugar de origem e muitos escritores transmitem esses conhecimentos por meio de suas obras. “Na literatura encontramos exemplos inumeráveis de narrativas sensíveis sobre a variedade de expressões existentes na perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo vivido, seu meio ambiente.” (LIMA, 2000, p.9)

Os escritores se mostram cada vez mais atentos ao espaço ao seu redor, manifestando suas observações por meio de narrativas. Isso faz com que os geógrafos vejam na literatura uma forma de entender melhor a relação que o homem mantém com o lugar, desde uma relação afetiva, ligada as emoções; quanto às simbólicas, associadas a sua cultura. (COLLOT, 2012)

O material de análise da geografia literária são os livros. É através da leitura e análise de livros literários que o geógrafo desbrava diferentes territórios, conhece diferentes culturas e se depara com novas paisagens que vão se formando através de imagens criadas por sua própria imaginação. Até mesmo quando há a presença de narrativas que descrevem lugares imaginados, ainda assim o escritor coloca em ação o conhecimento a respeito do espaço ao seu redor para criar diferentes cenários em suas obras. Como aponta Pinheiro Neto (2012, p.325)

[...] podemos entender que a Literatura é um dos caminhos para se compreender o mundo, perceptível na forma com que lida com os diversos aspectos da vida do homem; um desses aspectos é o espaço, tanto fictício quanto real. Por meio das ações e sentimentos do personagem ficcional, podemos perceber a relação existente entre o homem e o lugar em que vive.
[...]

O objeto de estudo da ciência geográfica é o espaço. O geógrafo busca conhecer diferentes realidades por meio do estudo do espaço, e a literatura se utiliza desse mesmo espaço para representar a realidade por meio da escrita. Assim, ciência e arte encontram um ponto em comum, fazendo com que a leitura e interpretação de obras literárias tornem-se materiais de estudo para os geógrafos, uma forma de compreender a realidade humana e suas relações com o meio natural, por meio das percepções elencadas pelo escritor. (SOUZA, 2014)

Como foi visto anteriormente, as obras que ganharam mais notoriedade, em Paris, foram os livros produzidos pelos viajantes, já no Brasil, esses estudos foram direcionados para obras clássicas da literatura brasileira. Podemos citar: *Suor* (1983) e *Jubiabá* (1935) de

Jorge Amado que são analisadas por Araújo (2007) que aborda as transformações espaciais ocorridas no pelourinho; *Os sertões* (1902) de Euclides da Cunha, em que Farias (2010) analisa os complexos geográficos presentes na obra; *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos e *Cortiço* (1980) de Euclides da Cunha, em que Moraes (2012) se dedica ao estudo do imaginário presente nessas obras. Percebe-se com isso que a literatura brasileira também fornece um material rico de análises para os geógrafos.

Esses escritores mencionados anteriormente fizeram parte de um grupo conhecido como “Geração de 30” do romance nordestino, e foram responsáveis por produzir obras que refletiam o contexto da época, documentando a realidade que estava a sua volta. (BASTOS, 1998). Por isso, a existência de vários pesquisadores que se dedicaram a análise geográfica dessas obras, pois reconheceram a riqueza de conhecimentos que elas seriam capazes de fornecer.

Dessa forma, a geografia passa a se relacionar com a literatura não apenas por intermédio de narrativas de viagens, mas através de vários outros estilos de escrita, como por exemplo, os romances, como destaca Bastos (1998, p.10):

Aceitar que o romance permite o estudo da representação do espaço geográfico implica em admitir que, tendo uma base ideológica, ele pode mostrar conflitos sociais, culturais e políticos, expressando também valores (dominantes e dominados). Assim, no romance, as diferenças de classe e as distâncias sociais entre os povos muitas vezes podem ser representados a partir da categoria espaço. [...]

Ou seja, em uma obra literária como o romance, é possível entender conflitos sociais, políticos e culturais predominantes em uma determinada época histórica, levando em consideração o período de escrita, o contexto em que foi produzido. Dessa forma, o espaço geográfico torna-se uma grande fonte de interpretações tanto para os geógrafos, quanto para os escritores que utilizam-no para construir suas obras. E esse interesse pelo espaço não é de agora, ele desperta o interesse dos romancistas desde muito cedo. (BASTOS, 1998)

A literatura interpreta e relata os dilemas humanos, os sentimentos que eles possuem e suas vivências com o espaço, com o lugar em que ele está inserido. (ARAÚJO, 2007) É possível dessa forma, lidar com narrativas que nos permitem construir uma realidade mesmo que de forma imaginada, mas que não deixa de ter verdades por traz de cada linha. Por isso a necessidade de se debruçar mais a fundo na análise dessas obras.

Percebe-se através dessa análise, que os estudos relacionados a geografia literária vêm seguindo um caminho de evoluções. O termo surge na França, onde o foco das pesquisas era direcionado a obras escritas por viajantes, depois os romances de aventura vão conquistando lugar e ao chegar ao Brasil, os romances regionalistas representam uma fonte de informações para os geógrafos, por meio de narrativas que retratam o cenário nordestino, expressando através dos personagens, manifestações de suas culturas.

Além dos romances regionalistas também é possível encontrar diversos trabalhos que tratam da literatura de cordel, que em si traz marcas regionalistas e culturais, além dos poemas, poesias, contos, crônicas. Dessa forma, constatamos que as abordagens estão se tornando cada vez mais abertas aos diferentes gêneros literários, ampliando o arsenal de fontes de conhecimento para os geógrafos que investem nesse caminho de investigação.

3 É possível afirmar que existe uma epistemologia da geografia literária?

Por mais que existam diversos trabalhos abordando essa relação existente entre ciência e arte, ou seja, geografia e literatura, esses estudos estão configurados dentro da epistemologia da geografia, mais especificamente no ramo da geografia humanista. Ainda não possuem um caráter próprio, estando circunscrito dentro de um campo mais geral. Esse fato não faz com que perca sua legitimidade, pelo contrário, apenas confirma o quanto é bem vista pelos geógrafos, dentro do desenvolvimento da geografia como ciência.

Se a geografia tem como objeto de estudo o espaço, visando compreender a relação do homem com a natureza, é aí que se encontra a ligação dessa ciência com a literatura. Nas obras literárias sempre há a presença de personagens que estão inseridos em um contexto e em um espaço, estabelecendo relações com o meio em que suas ações se desenrolam. Dessa forma, esse método de investigação da realidade por meio da literatura se torna viável, visto que “[...] temos vários caminhos metodológicos dentro do pensamento geográfico, todos objetivando desenvolvimentos metodológicos que busquem capturar a relação do espaço com a sociedade, a relação homem e meio por intermédio do espaço geográfico.” (MAIA e FERREIRA, 2010, p. 216/217)

A geografia passou por um árduo percurso até conseguir sua legitimidade como ciência, mas após essa conquista, passaram a surgir correntes de pensamento dentro da geografia, com destaque a geografia humanista e a geografia cultural. Nosso foco nessas

correntes se dá pelo fato de que foi nelas que os estudos voltados para a geografia literária se consolidaram.

A geografia cultural surgiu antes da humanista, seus temas de estudos eram história da cultura no espaço, ecologia cultural e paisagens culturais. Mas acabou sendo criticada pelo fato de não ter conceitos e metodologias definidas, o que levou a seu declínio. Com isso, surgem outros estudos no âmbito da geografia, devido principalmente a discussões que estavam surgindo no mundo acerca do fato de que a geografia pouco falava sobre o homem. É nesse cenário que a geografia humanista nasce se apropriando ainda de um enfoque cultural, mas dessa vez levando em conta três aspectos: Natureza, cultura e sociedade. (ROCHA, 2007)

Dessa forma, Rocha (2007, p.21) ressalta que,

“[...] A Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos.”

Percebe-se que nessa abordagem o homem se torna central, o que remete até mesmo ao nome dessa corrente “Geografia humanista”. Então são observadas e analisadas as relações que o homem estabelece com seu meio, seja através dos sentidos, dos sentimentos que desenvolve pelos lugares em que habita e as experiências vividas. Ou seja, a Geografia humanista busca compreender o contexto no qual o homem organiza e valoriza o seu espaço e o seu mundo, e com ele se relaciona. (ROCHA, 2007)

Um dos estudiosos desse ramo é Yi-Fu Tuan, que aborda as questões ligadas a percepção, a maneira como o homem interage com o meio através dos seus sentidos. Ele destaca também a importância da literatura dentro do campo de estudo humanístico, visto que ela fornece informações detalhadas e minuciosas de como os seres humanos percebem o seu mundo. (TUAN, 2012)

A literatura torna-se então uma fonte de informações imprescindíveis para os geógrafos, uma forma de compreender as diferentes percepções que os homens possuem acerca de seu mundo. Tendo em vista que nem sempre nos é possível se deslocar para diferentes lugares ou desbravar continentes diversos, os livros literários se tornam uma fonte acessível de conhecimento das diferentes paisagens, culturas, modos de pensar.

Em suas abordagens pautadas na geografia humanista Yi-fu Tuan (2012) cria o termo topofilia para definir os laços que os seres humanos mantem com o meio ambiente em que

vivem, os sentimentos de pertencimento que desenvolvem pelo seu lugar e que podem ser transmitidos na escrita de obras literárias. “Os sentimentos topofílicos do passado estão irremediavelmente perdidos. Podemos agora conhecer alguma coisa sobre eles por meio da literatura, das obras de arte e dos artefatos que perduraram. [...]” (TUAN, 2012, p.172) Como poderíamos compreender a evolução do homem quanto as relações que estabelecia/estabelece com seu espaço, se não fosse por meio das artes, em especial a literatura? Foi justamente nessa perspectiva que Yi-fu Tuan como um geógrafo da corrente humanista, se debruçou acerca dessa relação.

Percebe-se por meio dessa explanação que os estudos envolvendo geografia e literatura, tem como intuito, se aprofundar sobre as relações que o homem mantém com o seu meio, como ele interpreta o seu mundo, como interage e atua sobre ele. Com isso inclui-se as manifestações culturais que são expressas por meio de suas crenças, costumes e modos de pensar e enxergar as paisagens a sua volta. Todo esse conhecimento que advém do estudo do homem é pautado em discussões geográficas, no ramo da geografia humanista e por isso as obras literárias despertaram/despertam ainda hoje tanto interesse em vários geógrafos, justamente por fornecerem essas representações do homem em suas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos discutir nesse artigo o caminho trilhado pelos pesquisadores que se empenharam sobre as abordagens envolvendo literatura e geografia, tentando identificar a existência de elementos que pudessem configurar uma epistemologia da geografia literária, algo que constatamos não ser possível, visto que essa abordagem se encontra inserida nos estudos relacionados ao ramo da geografia humanista, não possuindo dessa forma, uma metodologia própria, ou bases concretas que lhe deem subsidio. Mas a constatação desse fato não retira a importância dessa abordagem nas pesquisas realizadas por diferentes estudiosos, os quais citamos no decorrer de nossa escrita.

Também constatamos a importância de se discutir o que seria epistemologia e apresentar diferentes discussões como uma forma de demonstrar que não existe apenas uma tida como correta, mas sim várias. E foi justamente esse conhecimento que foi trazido a tona por meio da disciplina de “Epistemologia do ensino: implicações para educação básica” que nos despertou o interesse por se debruçar acerca dessa abordagem pautada na geografia e literatura, tendo em vista a aproximação com nosso projeto de pesquisa.

As leituras realizadas para a escrita desse artigo nos possibilitaram conhecimentos diversos a respeito da evolução dos estudos ligados a geografia literária, além de compreender alguns fatos que contribuirão para seu surgimento. Dessa forma, acreditamos que não só desvendamos a dúvida sobre a existência ou não de sua epistemologia, como também fornecemos um referencial bibliográfico rico, que poderá ser consultado quando necessário.

Portanto, esperamos que as discussões aqui elencadas possam proporcionar conhecimentos que irão dar subsídio a escritas posteriores acerca dessa abordagem. Que nosso trabalho possa servir de estímulo a que mais pesquisadores se debrucem sobre essa perspectiva e quem sabe em um futuro muito próximo, vejamos o surgimento de uma epistemologia da geografia literária.

REFERÊNCIAS:

AMORIM FILHO, O. B. Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; GRATÃO, L. H. B (Org). **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010. p. 79-98.

ARAÚJO, H. A. **Geografia e literatura: Um elo entre o presente e o passado no Pelourinho**. Salvador: 2007. 152f. Dissertação (Mestrado em geografia) Universidade federal da Bahia, 2007. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/geografia/disserta_literatura.pdf> Acesso em: 30. Mai. 2020.

BASTOS, A. R. V. R. Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 1-17, 1998. Disponível em:
<<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316>> Acesso em: 10 jun. 2020.

BUNGE, M. **Epistemologia: curso de atualização**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1980.

COLLOT, M. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, Niterói, v. 17, n. 33, p. 17-31, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006/18993>> Acesso em: 20 mai. 2020.

DANTAS, A. Geografia e epistemologia do Sul na obra de Milton Santos. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, set./dez. 2014. Disponível em:
<<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1478>> Acesso em: 02. Ago. 2020.

GODOY, P. R. T. de (org.). Algumas considerações para uma revisão crítica da História do Pensamento Geográfico. In: GODOY, P. R. T. de. **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. Cap. 7. p. 145-156. Disponível

em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2020.

JAPIASSU, H. P. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1934. 202 p

LIMA, S. T. Geografia e literatura: alguns pontos sobre percepção de paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 7-33, jul/dez. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>> Acesso em: 30 mai. 2020.

MAIA, A. C.; FERREIRA, D. A. O. Discutindo categorias e conceitos: uma contribuição geográfica dentro das análises da relação rural-urbano. In: GODOY, P. R. T. de. **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. Cap. 10. p. 209-230. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/p5mw5/pdf/godoy-9788579831270.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2020.

PINHEIRO NETO, J. E. Geografia e literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 322-340, ago. 2012. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/61>> Acesso em: 20. Jun. 2020.

ROCHA, S. A. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **Revista RAEGA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670>> Acesso em: 05 jul. 2020.

SOUSA, D. D. A. de. **Geografia e literatura no caminho de Os sertões e Vidas secas**. 2014. 87 f. Monografia (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014. Disponível em: <<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/danielliDantas.pdf>> Acesso em: 31 jul. 2020.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. 342p.

VESENTINI, J. W. Geografia e discurso crítico (da epistemologia à crítica do conhecimento). **Revista do Departamento de geografia**, São Paulo, v. 4, p. 7-13, 1985. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47091>> Acesso em: 02/08/2020.